

Um dos livros **MAIS NOTÁVEIS**
do ano pelo *New York Times*

CONTROVERSO

PETER THIEL e a busca
pelo poder do
VALE DO SILÍCIO

MAX CHAFKIN



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2023

SUMÁRIO

Introdução	<i>vii</i>
1. F*da-se o Mundo	1
2. Um Menino Muito, Muito Estranho	13
3. Espero que Você Morra	29
4. Índice de Dominação Mundial	45
5. Uma Atitude Hedionda	63
6. Zonas Nebulosas	75
7. Hedging	93
8. Inception	111
9. Adeus, Bons Tempos	123
10. O Novo Complexo Militar-Industrial	143

11.	O Tabu Absoluto	157
12.	Construindo a Base	173
13.	Intelectual em Público, Reacionário no Privado	187
14.	Plano B	207
15.	Interessado em Trump	223
16.	A Teoria de Governo de Thiel	241
17.	Poder de Deportação	257
18.	Lista do Mal	275
19.	Rumo ao Tatame	293
20.	De Volta para o Futuro	309
21.	Você Viverá para Sempre	329
	Agradecimentos	341
	Notas	345
	Créditos das Imagens	373
	Índice	375

F*DA-SE O MUNDO

O ano era 1980, em Foster City, Califórnia. Peter Thiel e um pequeno grupo de meninos do nono ano se amontoavam em torno de uma mesa de uma minúscula cozinha, seus rostos ocultados por três fichários mantidos em pé a fim de assegurar a privacidade, os olhos apontados para um mapa e um conjunto de dados multifacetados.

As casas no subúrbio de São Francisco eram modestas, coladas umas às outras debaixo da enorme ponte de San Mateo. Sua extensão conectava o Vale do Silício — então, centros de pesquisa militares e campi corporativos aglomerados ao longo da rodovia 101, na península de São Francisco — até Oakland e a baía industrial do Leste. Foster City, que foi construída na década de 1960¹⁷ após construtoras imobiliárias drenarem um pântano cavando uma série de “lagos” estreitos, não parecia pertencer a nenhum desses lugares. Era uma versão de Levittown à beira-mar, cheia de famílias brancas da classe trabalhadora atraídas pela promessa de escolas decentes, segurança e propriedades em frente à baía. Os filhos de Foster City, aquelas crianças na mesa da cozinha, não eram os filhos dos gênios que construíram a Intel ou a Hewlett-Packard; seus pais eram bombeiros, professores

e, no caso de Peter Thiel, um engenheiro de mineração que trabalhava de botas e capacete.

Os amigos de Thiel eram nerds e, por estarem nos anos 1980, eles jogavam *Dungeons & Dragons* nas noites de fim de semana. Embora comumente visto como um jogo de tabuleiro, D&D tem mais a ver com narrativa fantástica do que com ganhar e perder. O jogo exigia que cada menino criasse um personagem imaginário para si mesmo. Magos, bárbaros, druidas e monges estavam entre as diversas opções, cada uma com habilidades diferentes. Magos conjuravam feitiços, bárbaros eram ferozes em combate, e assim por diante. Um jogador ficava com o papel de narrador e juiz; ele era o encarregado de criar a aventura para esses personagens.

O narrador era conhecido como mestre e, embora esse papel devesse ser intercalado entre os participantes, Peter — magro, brilhante e extremamente sério — sempre tentava reivindicá-lo para si. “Você pode determinar a realidade”, disse um homem que costumava jogar com ele. “Ele gostava daquele controle velado.”

Além de uma fuga, o D&D também representava um certo perigo, pelo menos para os pais daqueles meninos. Depois que um jogador de Michigan de 17 anos se matou em 1980,¹⁸ houve um pânico moral entre conservadores cristãos que se preocuparam com o potencial de distorção mental de um jogo que encorajava adolescentes a fingir praticarem magia, bruxaria e outras blasfêmias. As crianças em Foster City não davam importância para essas coisas, mas isso pode explicar por que Thiel, cujos pais eram profundamente religiosos, nunca os convidava para jogar na sua casa.

Ele dizia às pessoas que era de Cleveland e falava inglês sem qualquer sotaque, mas claramente era estrangeiro. Também era inteligente e seguro de si, mas parecia infeliz. “Não consigo me lembrar dele rindo. Acho que nunca o vi sorrir”, disse um amigo que o conhecia naquela época. “Dava pra ver que havia algo... digamos, *estrutural*, sobre sua família.”

SEUS PAIS, Klaus e Susanne Thiel, chegaram aos Estados Unidos em 1968, vindos de Frankfurt, na Alemanha, onde, em outubro do ano anterior, Peter Andreas Thiel nascera. Klaus, então com 30 e poucos anos,

trabalhava para a Arthur G. McKee & Co., uma consultoria em engenharia norte-americana especializada na construção de refinarias de petróleo, usinas siderúrgicas e outras indústrias pesadas. Ele se formou com o equivalente a um bacharelado pela Staatliche Ingenieurschule Dortmund — precursora da moderna TU Dortmund University. No ano seguinte, em 1968, McKee mudou a pequena família para os Estados Unidos, onde Klaus se matriculou em um programa de graduação em engenharia na Case Western Reserve University.

A mudança seria chocante. A Alemanha Ocidental, tomada pelas reconstruções devido à guerra e desconfiada de quaisquer movimentos sociais de massa, demorou para adotar a contracultura, que mal tinha chegado à Berlim Ocidental, quanto mais à capital financeira do país. Frankfurt, no final dos anos 1950 e início dos 1960, era uma cidade em rápido crescimento e repleta de cristãos brancos devotos como os Thiel.

Cleveland, por outro lado, estava pulsando nas correntes do amor livre, do black power e — o pior de tudo para qualquer alemão ocidental — do comunismo. Dois anos antes, em 1966, um bar de propriedade de brancos em Hough, a cerca de 2,5km da escola de engenharia de Case Western, se recusou a servir um homem negro, chegando a colocar uma placa onde se lia: “Sem água para n——”.¹⁹ Uma multidão se formou e invadiu o estabelecimento, voltando-se depois para outros negócios, causando roubos e incêndios. No verão de 1968, houve outro tumulto perto do campus depois que a polícia e um grupo radical, os Nacionalistas Negros da Nova Líbia, se envolveram em um tiroteio que durou cerca de quatro horas, resultando em sete mortes e em vários dias de saques, incêndios e operações da polícia militar. Para piorar a situação das tensões raciais, os repórteres descobriram mais tarde que esse mesmo grupo havia recebido um subsídio de US\$6 mil como parte de um programa criado pelo recém-eleito prefeito da cidade, um homem negro chamado Carl Stokes, e que esse dinheiro fora utilizado para comprar armas.

Algumas semanas depois, em agosto, Richard Nixon, então concorrendo como candidato unificador, mas que implicitamente prometia impedir que os negros, hippies e não-conformistas sexuais dominassem os Estados Unidos, aceitou a candidatura republicana para presidente. “Vemos ci-

dades envoltas em fumaça e chamas”, disse Nixon, elogiando a “grande maioria dos norte-americanos, os esquecidos, os que não gritam, os que não se manifestam”. Os pais de Thiel viriam a se tornar republicanos fanáticos, e seu filho absorveria esse sentimento, passando a se identificar com aqueles que não gritam, a venerar Nixon e também o seu sucessor político, Ronald Reagan.

A família Thiel, que em 1971 acrescentou um quarto membro, Patrick, irmão mais novo de Peter, era severa. Pouco depois do nascimento de seu irmão, o pai de Peter lhe explicaria a morte em termos que — como o próprio Thiel lembraria anos depois — pareceram bem frios, quase cruéis. Peter, talvez acessando um sentimento existencial pela primeira vez, perguntou a Klaus sobre um tapete no apartamento, e recebeu a explicação de que fora feito a partir do couro de uma vaca morta.

“A morte chega para todos os animais e para todas as pessoas”, disse Klaus. “Vai chegar para mim um dia, e para você também.”²⁰

Esse seria um momento extremamente perturbador para o menino de 3 anos, e também para o homem décadas depois. A maioria das crianças — seja por meio do amor de seus pais ou por algum tipo afortunado de dissonância cognitiva — consegue se recuperar desses primeiros encontros com a própria mortalidade. Thiel nunca conseguiu, e recordaria a questão da vaca — e a finalidade brutal da coisa toda — repetidas vezes, mesmo na meia-idade.

Klaus obteve seu diploma de mestre ao longo dos seis anos seguintes, tornando-se um gerente de projetos que supervisionava a equipe de engenheiros nos projetos de mineração. Sua especialidade era a construção de minas a céu aberto, que envolvia a escavação de enormes colinas de terra e rocha e seu decorrente tratamento químico para a extração de minerais. A família se mudava com frequência e Klaus viajava cada vez mais, muitas vezes passando semanas seguidas em locais de trabalho distantes de casa.

Depois de Cleveland, a família escolheu para seu novo lar um lugar que não poderia ser mais diferente do que a cidade relativamente diversificada onde Thiel passara seus primeiros anos: a África do Sul do apartheid. Klaus fora designado para trabalhar na construção de uma mina de urânio.

nio no deserto do Namibe, não muito longe da cidade de Swakopmund, na atual Namíbia.

Para Peter, houve uma parada em Pridwin, uma escola preparatória de língua inglesa exclusiva para a elite dos brancos, em Joanesburgo, seguida por dois anos na Deutsche Grundschule — uma escola pública de língua alemã —, em Swakopmund. Foi uma época solitária. Uma foto daquela época revela um menino emburrado de shorts, sapatos e gravata, carregando uma maleta de adulto. Um colega de classe da Namíbia chamado George Erb se lembra de Thiel como um menino inteligente e reservado. Ele tinha “aquele visual distinto, marcante e inteligente, quase como se parecesse entediado”, disse Erb. “Mas nós não nos envolvemos muito com Peter na escola. Sempre soubemos que os filhos de mineradores não ficavam muito tempo na cidade.”

O trabalho para o qual Klaus fora contratado era um tanto delicado. A África do Sul, que naquela época administrava a Namíbia como um Estado cliente chamado Sudoeste Africano, já estava sob pressão imensa com o regime do apartheid, e vinha tentando criar um programa clandestino de armas nucleares. A mina de urânio de Rössing, que Klaus estava construindo, era parte crucial desse plano — um modo para a África do Sul sobreviver às tentativas dos EUA de isolá-la economicamente e para se defender no caso de um eventual ataque soviético. Os mineradores estavam completamente cientes do que acontecia. “Rössing extraiu urânio em uma violação direta das Nações Unidas”, declarou Pierre Massyn, executivo de relações públicas que trabalhou lá no início dos anos 1980. “Era meu trabalho dizer ao mundo que a nossa presença ali era fundamentada.”

Extrair urânio no Sudoeste Africano não era apenas ser cúmplice na preservação do regime do apartheid — era tirar proveito desse regime. Rössing era considerada melhor do que algumas das operações de trabalho forçado na própria África do Sul, mas também era conhecida por condições não muito diferentes daquelas da servidão contratual. Trabalhadores imigrantes serviam sob contratos de até um ano, apenas para serem forçados a retornar à sua “pátria” — era assim que o regime do apartheid descrevia as áreas semiautônomas exclusivas para negros. Gerentes brancos, como os Thiel, tinham acesso a um hospital e a um centro odontológico novos em folha

em Swakopmund, além de uma associação ao clube de campo da empresa. Por outro lado, trabalhadores negros, até mesmo alguns com suas famílias, viviam em um dormitório em um campo de trabalho próximo à mina, e não tinham acesso às instalações e serviços médicos fornecidos aos brancos.²¹ Sair do trabalho era considerado um delito, e os trabalhadores que não carregassem seus cartões de identificação para a mina eram rotineiramente jogados na prisão por um dia inteiro.

A extração do urânio é arriscada por natureza. Um relatório publicado pelo Namibia Support Committee,²² um grupo a favor da independência, descrevia as condições na mina em termos sombrios, incluindo o relato de um trabalhador contratado para o projeto de construção — o projeto que a empresa de Klaus estava ajudando a supervisionar — que afirmava que os trabalhadores não receberam a informação de que estavam construindo uma mina de urânio e que, portanto, desconheciam os riscos da radiação. A única pista era que os funcionários brancos distribuíam seus salários por detrás de um vidro, tentando evitar, eles mesmos, uma possível contaminação. O relatório mencionava trabalhadores “morrendo como moscas” em 1976, durante o período de construção da mina.

A experiência de Thiel nesses dois anos e meio no sul da África foi muito diferente. Ele se lembra das horas que passou lendo, brincando sozinho no empoeirado leito de um rio atrás da casa da família ou jogando xadrez com Klaus ou Susanne, se estivessem dispostos.²³

Os Thiel retornaram para Cleveland no ano em que a mina foi inaugurada, mas só ficaram por um ano. A próxima parada seria a Califórnia, onde Klaus fora incumbido da construção de uma nova mina de ouro em Knoxville, um canto desolado do deserto, a oeste de Sacramento. Talvez tendo aprendido sua lição em Cleveland, os Thiel resolveram se estabelecer em uma espécie de subúrbio idílico bem condizente com a revolução Reagan: Foster City. Eles pagaram US\$120 mil por uma casa de três quartos em Whalers Island, que formava um lago artificial, se destacando como um punho; cada uma das suas quatro pequenas penínsulas tinha uma única estrada que terminava em uma rua sem saída.

Na Bowditch Middle School, de Foster City, Thiel foi colocado em um programa para superdotados e ouviu, mais de uma vez, que estava destina-

do à excelência. “Todos compramos essa ideia de que tínhamos que tirar notas boas para entrar em uma boa faculdade, e que toda a nossa felicidade dependia disso”, disse Nishanga Bliss, colega de classe de Thiel. Em uma primavera qualquer, o professor de história de Thiel resolveu fazer uma piada e disse à turma que ninguém tiraria nota 10; então, aguardou um pouco, enquanto a classe recuava em silêncio e em choque, só para revelar no final: “Primeiro de abril!”

Entre os academicamente escolhidos, Peter era conhecido como o melhor — aquele com as melhores médias e as maiores notas nas provas. E ao contrário do resto de seu círculo social, no qual todos sabiam que eram nerds e ficavam levemente envergonhados por isso, Peter não parecia se importar. Nos anuários de seus amigos, junto dos “a gente se vê no verão” e “legal te conhecer” de sempre, Thiel zombava: “Quem sabe você não consegue chegar a um ponto da minha média?”

“Na nossa geração, ser inteligente não era legal”, disse um amigo. “Eu lembro que me esforçava para esconder que era inteligente. Peter nunca tentou esconder o fato de que era o cara mais inteligente no recinto.” Todo mundo, até mesmo os nerds, jogavam futebol ou beisebol e fingiam gostar daquilo — exceto Peter.

Seu jogo preferido era o xadrez. Em 1972, pouco antes de completar 5 anos, Bobby Fischer, o antigo prodígio recluso e competitivo, se tornou o primeiro norte-americano a vencer o Campeonato Mundial de Xadrez. Muitos compatriotas assistiram Fischer vencer o campeão soviético Boris Spassky — o “Duelo do século” foi a primeira partida a ser televisionada no horário nobre dos Estados Unidos. A vitória, que marcou a primeira vez que um não-soviético conquistava o título desde 1948, foi apresentada como um testemunho das conquistas do capitalismo norte-americano. O novo campeão foi recebido em casa com um “Dia de Bobby Fischer” e chegou a aparecer na capa da *Sports Illustrated*. Conseqüentemente, as filas para as equipes de xadrez dos ensinos médio e fundamental cresceram enormemente.

Em San Mateo, onde Thiel entrou em 1981, o clube de xadrez tinha dezenas de membros e atraía multidões quando eles se reuniam para jogar na hora do almoço. Eles jogavam xadrez rápido, uma variação em que os

jogadores têm um limite de tempo, geralmente entre cinco ou dez minutos cada um para o jogo inteiro, ou xadrez bughouse, uma versão em duplas na qual os jogadores podem capturar peças e, em seguida, passá-las para seu parceiro utilizar em um outro tabuleiro. O clube mantinha um placar com espaço para trinta lugares; Thiel, que tinha um adesivo no seu próprio tabuleiro onde se lia “nascido para vencer”, sempre ficava em primeiro lugar. Ele era o melhor da escola e, ao menos por um tempo, esteve entre os melhores jogadores de xadrez dos Estados Unidos com menos de 13 anos.

Se derrotado, o jovem geralmente impassível perdia a calma. Uma vez, em um torneio, ele estava jogando um amistoso entre partidas oficiais para se divertir, e não parecia estar prestando muita atenção. Seu oponente era inexperiente e sem saber exatamente o que estava acontecendo, colocou Peter em xeque. Então, para a surpresa de ambos, ele percebeu que se tratava de um xeque-mate. Peter ficou visivelmente perturbado e foi incapaz de recuperar sua compostura para o resto do torneio; ele acabou perdendo todas as outras partidas que jogou. Uma derrota, mesmo que insignificante, era demais para suportar.

Quando não estava ocupado sendo o melhor no xadrez, Thiel mergulhava em mundos de fantasia e ficção científica. Além de *Dungeons & Dragons*, ele leu e releu obsessivamente as obras de J. R. R. Tolkien — tanto que, mais tarde, se gabou de ter memorizado toda a trilogia de *O Senhor dos Anéis*. Ele também jogava videogames, incluindo Zork, um jogo de aventura antigo e bem rudimentar que rodava no Tandy TRS 80 que Klaus levava para casa.²⁴

A revolução dos computadores já ocorria a alguns quilômetros ao sul, onde a Apple Computer — empresa fundada por outro prodígio norte-americano chamado Steve Jobs — já tinha faturado mais de US\$100 milhões. Klaus foi um dos primeiros a adotar o uso de computadores, incentivando seus colegas de trabalho na mina de ouro da Califórnia a aderirem à prática, e seu filho absorveu um pouco do seu interesse em tecnologia. Peter chegou a programar, mas o que realmente o cativou foram as visões do futuro. Ele leu Isaac Asimov e Arthur C. Clarke, escritores que evocavam robôs humanoides, viagens espaciais, colônias lunares, alimentos à base de

petróleo para curar a fome, carros que flutuavam no ar em vez de precisarem de rodas e, é claro, a imortalidade.

Ele não era um garoto popular. Um colega de classe — e também *geek* — disse que ele e outros ficavam “maravilhados” com Peter, mas o consideravam impenetrável, distante e arrogante. “Não sei se ele tinha amigos íntimos”, disse ele. A inteligência de Thiel, além de seu porte físico — um estudante pequeno e magro — fizeram dele um alvo para os valentões. Um amigo, Kevin Wacknov, recordou que Thiel começou a ser intimidado logo no início do ensino médio.

Tudo isso — e, embora nunca tenha sido comentado, o fato de que seus maneirismos podiam ser ligeiramente afeminados — faziam dele um alvo de zombaria, mesmo entre aqueles que se consideravam seus amigos. Uma das brincadeiras favoritas de seus colegas era dirigir pela vizinhança à noite à procura de casas com placas de venda no jardim. Eles pegavam todas que conseguiam encontrar — às vezes doze ou mais — e, em seguida, dirigiam até Whalers Island para colocá-las no quintal da casa de Peter.

“Peter, ouvi dizer que você está se mudando”, alguém comentava no dia seguinte. Pareceu engraçado da primeira vez que fizeram isso. “Olhando para trás, é óbvio que o que estávamos fazendo era bullying”, disse um desses brincalhões. “Eu sempre achei que ele deve ter uma lista de pessoas que pretende matar escondida por aí, e que eu sou uma delas.”

Conforme Thiel foi amadurecendo fisicamente, sua confiança aumentou. No penúltimo ano do ensino médio, ele era um rapaz atraente, com uma mandíbula definida, um nariz anguloso e um cabelo castanho-claro que usava repartido para o lado. Suas realizações acadêmicas se mantinham: era o melhor no xadrez, o melhor na equipe de matemática, já tinha bolsa garantida pelo National Merit Scholar e sua pontuação no Teste de Aptidão Escolar (SAT) era quase perfeita. Ele só não era tão confiante quanto era arrogante, andando por aí com uma expressão que dizia, de acordo com um amigo, “F*da-se o mundo”.

A EDIÇÃO DE 1984-85 do *Elm*, o anuário da San Mateo High School, foi dedicada a recordações de danças, jogos de futebol, almoços no gramado e surfe nas praias do outro lado da península. Peter Thiel não aparece em nenhuma dessas páginas sociais, mas aparece em quase todas aquelas dedicadas aos clubes de San Mateo e às sociedades acadêmicas. Isso foi uma mudança em relação aos anos anteriores; e os colegas presumiram que provavelmente se tratava de um esforço do cara menos diversificado que qualquer um jamais conhecera de se apresentar como minimamente diversificado para os oficiais de admissão das faculdades.

Em uma imagem, ele posa confiante na frente do clube aeroespacial, vestindo um anoraque azul no estilo “só para membros” e um relógio digital Casio; em outra, posa em profunda contemplação sobre um tabuleiro de xadrez; ele parece pairar sobre os membros dos clubes de alemão e latim. Também aparece com o clube de ciências, a Simulação da ONU, o conselho executivo da escola e, na página dos superlativos, posa com uma caneta e uma pilha de documentos, como se estivesse prestes a registrar um processo. Ele, é claro, foi eleito aquele com a Maior Chance de Sucesso.

Sua citação veio do livro *O Hobbit*: “A maior aventura é a que está por vir / O hoje e o amanhã guardam segredos entre si.” Anos depois, ele disse que memorizou a passagem completa, que prossegue: “As escolhas e as mudanças são suas para fazer / O molde da vida depende de suas mãos para se romper.” Este seria, de certa forma, o lema de sua vida — embora ainda se tratasse de uma vida confusa. A verdade, no entanto, é que essa passagem não é de Tolkien — que escreveu *O Hobbit* e a trilogia de *O Senhor dos Anéis*, livros pelos quais Thiel era obcecado —, mas de uma música-tema escrita por Jules Bass, o gênio criativo por trás do desenho animado *ThunderCats*, dos anos 1980, para a versão animada de *O Hobbit*, que saiu em 1977. Naquela primavera, Thiel entrou para Stanford, sua faculdade dos sonhos. Entre seus colegas de classe, reza a lenda que, no formulário de inscrição, na parte que solicitava ao candidato que escolhesse uma palavra que melhor o descrevesse, Thiel escolheu “inteligente”.

A partir de então, os amigos notaram que Peter estava se distanciando cada vez mais, como se já tivesse se mudado de Foster City. Ele nunca tentou acertar contas ou confrontar seus antigos algozes. Nos anuários de seus

colegas, além das provocações usuais sobre suas médias serem melhores, ele sugeria sentir pouca vontade de vê-los novamente. “Tenha um bom verão e uma boa vida”, escreveu para Bliss, acrescentando, com uma estranha mistura de morbidez e doçura: “Eu nunca poderia (nem mesmo hipoteticamente) ter abortado você.” Bliss acredita que deva ter compartilhado em algum momento o fato da gravidez de sua mãe não ter sido planejada, e acha que Thiel estava tentando ser gentil, ainda que de um jeito profundamente estranho. Ele assinou: “Com amor, Peter Thiel.”

Thiel sempre foi distante, mas agora parecia indiferente a tudo: o ensino médio, seus amigos, seus professores; e começou a desafiar os limites. De acordo com um colega de classe, Thiel começou a espalhar para alunos mais jovens que faria o SAT no lugar deles pelo valor de US\$500 por teste. Dois outros colegas se lembram de Thiel comentando sobre o negócio paralelo naquele outono, em Stanford; um deles recordou que ele chegara a indagar sobre formas de “organizar pagamentos não rastreáveis”.

Aquela seria a primeira de uma longa carreira de usos da sua inteligência, e do seu desrespeito irrefreável pelas normas, para fins lucrativos. Além disso, dadas as suas ambições e a possibilidade de perder sua vaga em Stanford, era algo incredivelmente arriscado. Mas Thiel não parecia se importar. Ele tinha tanta lealdade às regras acadêmicas quanto a todas aquelas outras sutilezas sociais que preferia ignorar. Talvez fosse esse o seu diferencial, aquilo que fazia dele alguém “nascido para vencer”.

UM MENINO MUITO, MUITO ESTRANHO

A cerimônia anual de formatura na então conhecida como Universidade Leland Stanford Junior contou com cerca de duzentos rapazes e algumas moças que se reuniram no auditório em uma quarta-feira de maio de 1907 para ouvir sobre o agitador direitista originário da Bay Area.

Depois de uma rápida lição sobre a história da palavra *dissidente*, que antes se referia a vacas soltas — que não haviam sido marcadas por um rancho —, o presidente de Stanford, David Starr Jordan, sugeriu que a décima sexta turma de formandos da faculdade seguisse o exemplo desses bovinos amantes da liberdade. “Meu apelo esta manhã é pelos dissidentes humanos — pelo homem que nasce livre, sem marcas ou etiquetas de outro homem sobre si — como a esperança das instituições livres dos Estados Unidos”, disse Jordan em um discurso que foi publicado no *Stanford Daily*.²⁵

Por formação acadêmica, Jordan era ictiólogo — um biólogo que estudava peixes —, mas ganhou fama como reitor prodígio de faculdades, primeiro da Universidade de Indiana, que assumiu aos 34 anos, e então, seis anos depois, como o primeiro a presidir a resposta da Califórnia à Ivy League. Jordan também ganhou notoriedade por seu discurso eugenista; em ou-